

A MULHER E SUA ATUAÇÃO NO LAR NO CONTEXTO DO ANTIGO TESTAMENTO

WOMEN AND THE HOME IN THE OLD TESTAMENT CONTEXT

Marivete Zanoni Kunz¹

RESUMO

O presente artigo consiste na apresentação de algumas personagens do Antigo Testamento. A pesquisa aborda a vida de mulheres e sua atuação como filhas, esposas e mães. A ênfase é tanto a descrição de suas histórias, a partir do contexto da época, como a análise de alguns estudiosos sobre a atuação destas no seu meio de convívio. A exposição mostra a importância de algumas mulheres para sua cultura e revela o quanto elas representavam para seu povo. A história destas personagens também revela o agir de Deus através de suas vidas e lutas, angústias e anseios pessoais. Elas foram pessoas especiais que tinham suas expectativas e atuavam dentro dos limites de sua cultura.

Palavras-chaves: Mulher. Filha. Esposa. Mãe. Atuação no lar.

ABSTRACT

This article presents some Old Testament characters, principally, the lives of

¹ A autora é bacharel em Teologia e pós-graduada em Teologia Aplicada pela FTBP, mestre e doutora em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo/RS) e licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ. É professora de graduação da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) e de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Batista do Paraná (Curitiba/PR). E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

women and their role as daughters, wives and mothers. Descriptions of their stories are given from the context of their time and include analyses from certain scholars. The exhibition shows the importance of women in their culture and reveals how they represented their people. The history of these characters also reveals the act of God in their lives and their personal struggles, anxieties and desires. They were special people who had expectations and acted within their cultural limits.

Keywords: Woman. Daughter. Wife. Mother. Home life.

INTRODUÇÃO

Algumas mulheres do Antigo Testamento e a sua forma de viver e agir dentro do lar são exemplo para a vida de indivíduos atualmente. É muito importante que se reconheça a importância da vida dessas mulheres e o que fizeram na sua época. Entretanto, para que possa ser feito tal reconhecimento é necessário um olhar a mais na vida de algumas personagens, até mesmo para que se tire dúvidas e seja possível aplicar os textos corretamente.

Apenas uma olhada superficial já revela a realidade enfrentada por muitas mulheres no contexto do Antigo Testamento. Muitas enfrentaram situações semelhantes à realidade contemporânea. Assim, o texto que segue visa verificar a atuação da mulher no seu meio de convívio mais restrito: o lar. Seria possível verificar através da Palavra a participação real das mulheres em algumas situações ainda que no seu lar, como filha, esposa e mãe? Esse trabalho buscará conhecer um pouco a vida de algumas mulheres da Bíblia e se realmente elas tiveram de alguma forma atuação no cotidiano descrito. Tudo será feito a partir do estudo de textos, buscando opiniões de comentaristas e estudiosos da área. Assim, a ênfase está voltada a compreender como o Antigo Testamento apresenta a mulher no lar, atuando como filha, esposa e mãe.

Quando falamos em lar, no Antigo Testamento, fazemos referência à família. O termo que mais se aproxima da ideia de família nos textos do Antigo Testamento é **מִשְׁפָּחָה** (*mishpāhā*)², cuja tradução pode ser tanto “família” como “clã” ou “parente”. Este termo é utilizado de maneira muito mais ampla do que para expressar “família”, pois geralmente é usado para fazer menção a um grupo ligado por laços sanguíneos.³

² Todas as transliterações da pesquisa serão convencionadas conforme HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

³ HERMANN, Austel, J. **מִשְׁפָּחָה** (*mishpāhā*). In: HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1601.

Por isso, para alguns autores, no Antigo Testamento não existe nenhuma palavra que corresponda exatamente à “família”. O que existe é algo próximo, como “casa”, que também dá a ideia de um grupo de pessoas. Para alguns autores, o termo, que é traduzido como “família” ou “casa”, tinha mais o sentido de “clã”. Um dos exemplos seria Acã, que é reconhecido como membro da família de seu avô, Zabdi, embora tivesse seus próprios filhos.⁴ Contudo, Vaux lembra que há no meio israelita a identificação de alguns tipos de família, a saber: o fratriarcado, no qual a autoridade era praticada pelo irmão mais velho; o matriarcado, no qual a ênfase está mais no fato da criança pertencer ao grupo social da mãe e não na questão da autoridade, e o estilo patriarcal, ênfase da família israelita. Nesta pesquisa, quando nos referimos à família, fazemos menção ao grupo que se mantém unido por sangue e pela comunidade de habitação.⁵ Nesta família ou comunidade, vemos que a mulher atuava como filha, esposa e mãe, que serão os aspectos desenvolvidos a seguir.

1. A MULHER COMO FILHA

O termo hebraico para filha, no Antigo Testamento, é בַּת (*bat*) o qual aparece cerca de 587 vezes, em sua maioria como uma indicação de “menina de casa”. Entretanto, o termo בֵּן (*bên*), que literalmente seria “filho”, é usado como referência à criança de modo geral.⁶

Os filhos frequentemente são citados na Bíblia e constituem um elemento importante no quadro bíblico da família temente a Deus e do povo do Senhor como uma unidade maior. A perspectiva dos escritores bíblicos não é idêntica à da sociedade ocidental contemporânea. No antigo Israel, como na maioria das sociedades, os filhos homens eram mais desejados. Mas em Israel os filhos tanto do sexo masculino como do feminino eram vistos como bênção do Senhor - isso pode ser verificado em algumas passagens como Gn 15.2-5, Sl 127.3-5 e Sl 128.2-3. Eles representam o cumprimento da promessa de Deus sobre a aliança com seu povo e ao mesmo tempo o cumprimento da responsabilidade humana de frutificar e multiplicar-se, encher a terra e sujeitá-la (Gn 1.28). Infanticídio e aborto, embora sendo praticados por outros povos, não eram

⁴ WILLIAMS, Derek (Edit.). Dicionário bíblico Vida Nova. Tradução de Lucy Yamakami... [et al.]. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 129.

⁵ VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. p. 41-42.

⁶ MARTENS, Elmer A. בַּת (*bat*). In: HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1601.

permitidos e aprovados pela Bíblia.⁷

No antigo Israel, os filhos participavam do culto desde a mais tenra idade. O primogênito era oferecido a Deus de maneira especial, mas na verdade todos eles eram dedicados ao Senhor. A promessa da bênção de Deus vinha acompanhada de mandamentos para criar os filhos nos caminhos do Senhor. Não havia distinção entre o secular e o sagrado no treinamento dos filhos. Educação no temor do Senhor envolvia todos os aspectos da vida. Os pais eram responsáveis pela educação dos filhos. Deveriam ensinar-lhes sobre os atos poderosos de Deus, como foram tirados do Egito e chamados para receber a Palavra de Deus no monte Sinai (Dt 4.9-10). Neste sentido, o ensino não era somente didático, pois os pais incluíam os filhos na adoração a Deus (1Sm 1.4,22-24). Desde pequenos eles estavam observando a participação nos rituais do Templo. Para Gardner:

A bênção de Deus não era vista apenas no nascimento dos filhos, mas na manutenção dos descendentes piedosos de uma geração para a outra. A bênção de Deus não era limitada pelas mudanças dos eventos no correr da história, pois sua promessa estende-se de filhos para filhos (Sl 103.17).⁸

Com relação a filhos homens e filhas mulheres parece que havia algumas diferenciações no que diz respeito à educação, herança e outras coisas, mas as filhas, embora recebessem menos ênfase que os filhos, também tinham grande valor. Em se tratando de questões jurídicas, as filhas tinham o direito à herança do pai, na ausência dos filhos, pois conforme Números: “Quando alguém morrer e não tiver filhos, então fareis passar a sua herança a sua filha” (Nm 27.8).⁹ Além disso, a continuidade da vida dependia das filhas.

Na educação, a menina era criada para obedecer ao pai sem questionar, e depois, quando casada, deveria obedecer ao marido. Tenney acredita que, conforme Lv 27.1-8, a mulher valia menos que um homem; desta forma, a filha não era tão bem recebida quanto o filho. Para o autor, isso fica evidente pelo fato dos meninos serem ensinados a tomar decisões e a liderar suas famílias, enquanto as meninas eram criadas para casar e ter filhos, sem dar ênfase ou orientação para uma vida fora do lar. Assim, o que se requeria da menina é que fosse auxiliadora do marido e que lhe desse muitos filhos.¹⁰

⁷ GARDNER, Paul (Edit.). *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999, p. 219.

⁸ GARDNER, 1999, p. 219-220.

⁹ LEITE Filho, Tácito da Gama. *A mulher cristã e seu ministério*. Belo Horizonte: Betânia, 1979. p. 17.

¹⁰ TENNEY, M.; PACKER, J.; WHITE, W. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1984. p. 23.

Tal opinião extremada não é defendida por todos os autores. Eisenberg lembra que “o nascimento de uma menina não era uma catástrofe”,¹¹ o que diferenciava Israel totalmente das outras sociedades. Mas o que não se pode negar é que, como em qualquer sociedade antiga bem como no mundo rural, os homens preferiam os filhos. Seriam eles que manteriam os patrimônios de rebanhos ou terras. A menina nem sempre constituía uma simples transação comercial. Ela era também a que “ampliava os laços de sangue e exercia um poderoso papel de cimento social”.¹²

Wolff acredita que para a compreensão das várias relações entre pais e mães, filhos e filhas, era necessário que os filhos fossem encarados como um dom de Iavé. O filho estava confinado à mãe nos primeiros anos de vida, tanto o menino como a menina. Depois dos três anos, a mãe atendia principalmente a filha e o filho passava aos cuidados do pai, para seguir sua profissão.¹³

Quanto às filhas mulheres há poucas informações. Lendo sobre algumas delas no relato do Antigo Testamento, é possível observar o agir de Deus através destas vidas, bem como a situação vivida por elas. A seguir destacaremos alguns exemplos bíblicos de filhas.

1.1 As filhas de Ló (Gn 19.30-38)

Elas cometeram incesto para conceber um herdeiro varão, porque acreditavam que elas e seu pai eram os únicos humanos sobreviventes da catástrofe de Sodoma e Gomora. Elas enganaram o pai, fizeram com que ficasse bêbado e então o seduziram.

Brenner afirma que elas se ajustam a dois tipos de mulheres: as matriarcas dispostas em pares e as sedutoras. As duas irmãs agiram juntas, a exemplo ou até mais do que Rute e Noemi. A mais velha era superior e iniciou a ação. A mais jovem obedeceu à sua irmã, na condição de inferior. O autor acredita que se for utilizado o mesmo padrão que avalia os atos de Tamar (Gn 38) e de Rute, o comportamento das filhas de Ló será tido como exemplar, porque na avaliação que fizeram o futuro da humanidade estava exposto ao perigo. Não poderiam ser consideradas promíscuas pelo fato de terem o interesse voltado à preservação da espécie humana. Para o autor, se Tamar e Rute foram perdoadas, as filhas de Ló também devem receber o perdão, pois a situação vista por elas era de urgência. Embora estivessem erradas, supondo que o destino do mundo

¹¹ EISENBERG, Josy. *A mulher no tempo da Bíblia*. Tradução de Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 51.

¹² EISENBERG, 1997, p. 51-53.

¹³ WOLFF, H. W. *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução de Antônio Steffen. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1975. p. 235.

dependia de suas iniciativas, agiram de boa fé. Elas são importantes na história visto que por meio de seus filhos fundaram nações que são vizinhas de Israel e politicamente significativas.¹⁴ Entretanto, tal atitude fez de Ló o antepassado dos povos que foram grandes inimigos de Israel; eles eram idólatras e representaram perigo para Israel por séculos.

O fato das filhas de Ló terem agido com impaciência, sem esperar a instrução de Deus (que já havia guiado a família na fuga), faz com que elas recebam a marca de filhas ou “mulheres desencaminhadas muito mais do que de heroínas”.¹⁵ Champlin comenta ser possível que elas inicialmente transmitiram o fato muito mais como um ato heroico por terem possibilitado a descendência a Ló; entretanto, isso é “a concepção popular dos povos descendentes do ato, mas não é o ponto de vista da Bíblia”.¹⁶

1.2 A filha do Faraó (Êx 2.1-10)

Na passagem de Êx 2 temos o relato do nascimento e da infância de Moisés. Um decreto real mandava que todos os bebês israelitas do sexo masculino fossem mortos, mas uma mulher escondeu seu filho por três meses, quando veio a colocá-lo na correnteza do rio Nilo, dentro de um cesto de junco. O bebê, observado pela sua irmã Miriã, foi encontrado pela filha do Faraó, que se banhava no rio e ordenou que o tirassem dali. Miriã conversou com ela e ofereceu-lhe uma pessoa para amamentar o bebê: sua própria mãe.

A princesa pode ser filha do Faraó com uma concubina e não com alguém de “sangue real”.¹⁷ Entretanto, ela é descrita como o oposto de seu pai, pois mostrou compaixão salvando a criança e permitindo a esta receber educação e ter proximidade com seu povo. Ela sabia que o menino era hebreu, mas mesmo assim foi compassiva.¹⁸ Hoff destaca, além da compaixão da princesa, o amor de Joquebede e a sagacidade de Miriã como fatores determinantes no livramento do futuro líder do povo.¹⁹

Wiersbe comenta que a princesa estava no rio Nilo realizando uma cerimônia religiosa²⁰ quando ouviu o choro do bebê. Foi este choro que atingiu o coração da

¹⁴ BRENNER, Athalya. *A mulher israelita*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 159-161.

¹⁵ BRENNER, 2001, p. 159-161.

¹⁶ CHAMPLIN, 2001, vol. 1, p. 143.

¹⁷ ALEXANDER, David; ALEXANDER, Pat (Edit.). *Manual bíblico SBB*. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB. 2008. p. 159.

¹⁸ LÓPEZ, Félix García (Org.). *O Pentateuco*. Trad. José A. B. da Silva. São Paulo: Paulinas. 1998. p. 54.

¹⁹ HOFF, Paul. *O Pentateuco*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2000. p. 107-108.

²⁰ Moody, concordando com Wiersbe, acredita que este banho deveria ser algo ligado a um ato de adoração (PFEIFER, Charles F. (Edit.). *Comentário bíblico Moody*. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: EBR, 1999. Vol. 1, p. 7).

princesa.²¹ Gardner afirma que a providência de Deus é claramente vista no retrospecto desses eventos, pela escolha de Moisés para liderar os israelitas e ser a própria voz do Todo-Poderoso diante do Faraó. Gardner mostra que, devido à formação que teve, Moisés conhecia as formalidades da corte e tinha um acesso ao rei que provavelmente era negado à maioria dos escravos hebreus.²²

Nesta história se observa a influência e a autoridade que a filha do Faraó possuía, pois foi dela a decisão de pegar a criança e cuidá-la, sendo que seu pai aceitou tal decisão. A filha do Faraó também foi um instrumento usado pelo Senhor para o cumprimento de Sua vontade e seus planos, por meio da criança resgatada.

1.3 Filha de Jefté (Jz 11.30-40)

Na passagem de Juízes 11 é possível ver a nobreza e submissão de uma filha. Olhando a história não é difícil observar os brilhantes aspectos de coragem e submissão à vontade de seu pai, Jefté.

Conforme o texto bíblico, Jefté foi expulso de seu lar pelos gileaditas porque nasceu de uma prostituta. Quando os gileaditas foram humilhados pelos amonitas, Jefté foi procurado com a promessa de tornar-se o líder destes (Jz 11.1-11). Jefté enviou uma delegação diplomática aos amonitas, pedindo o direito de Israel sobre a terra, pedido este que foi recusado (Jz 11.12-28). Desta forma, o Espírito do Senhor capacitou Jefté e ele avançou contra os amonitas, jurando sacrificar como oferta queimada o primeiro que saísse de sua casa para recebê-lo no seu retorno (Jz 11.29-31). Infelizmente, tendo Jefté recebido a vitória, sua filha veio ao seu encontro para saudá-lo (Jz 11.34-40). É quando vem a grande questão: será que o voto foi cumprido?

Dockery afirma que o juramento referia-se verdadeiramente a um holocausto e não ao estado de virgindade da filha como alguns comentaristas afirmam.²³ Outros autores²⁴ também são da opinião de que o voto do sacrifício se cumpriu na filha de Jefté (Jz 11.39).²⁵ O único pedido da filha, conforme Jz 11.37, foi que o pai lhe desse permissão para chorar sua virgindade durante dois meses junto com as amigas.

Enquanto alguns autores, como Moody, acreditam na submissão da filha no que diz respeito ao cumprimento de votos, outros, como Wiersbe, levantam vários

²¹ WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 1, p. 236.

²² GARDNER, 1999, p. 218-219.

²³ DOCKERY, David (Edit.). *Manual bíblico Vida Nova*. Tradução de Lucy Yamakami e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 248-249.

²⁴ HOFF, Paul. *Os livros históricos*. São Paulo: Vida, 2003. p. 83.

²⁵ DAVIDSON, F. (Edit.). *O novo comentário da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 287.

questionamentos quanto ao voto feito por Jefté, tais como: Jefté sabia que Iavé não aceitava sacrifícios humanos (Dt 12.31), pois demonstrou conhecer as Escrituras, e mesmo assim o fez? Será que os amigos permitiriam que Jefté matasse a própria filha? Onde Jefté ofereceria a filha como sacrifício, pois Deus aceitava somente os sacrifícios feitos pelos sacerdotes no altar do tabernáculo (Lv 17.1-9)? Jefté precisaria viajar até Siló para cumprir seu voto (Dt 16.2,6,11,16); será que o sacerdote realizaria tal sacrifício humano sobre o altar do Senhor? Como o voto teria ocorrido dois meses antes, será que o povo não impediria Jefté se descobrisse que ele estava indo sacrificar sua filha? Será que Jefté não teria descoberto, por meio de um dos sacerdotes, que poderia redimir a filha mediante pagamento (Lv 27.1-8)?²⁶

Assim, Wiersbe não acredita que o voto estava ligado a um sacrifício humano. A partir de algumas abordagens do texto hebraico, ele acredita que Jefté consagrou ao Senhor quem lhe veio ao encontro. Tendo sido recebido pela filha, ele a consagrou ao Senhor para servi-Lo no tabernáculo. Assim, ela permaneceu virgem e não teve como dar continuidade à herança do pai em Israel. Esse foi o motivo de ter chorado com as amigas durante dois meses: ela desejava ter uma família, assim como seu pai esperava ter netos para que a família continuasse.²⁷ Quando falamos deste episódio é preciso considerar o contexto de confusão que existia neste período (Juizes): o texto bíblico vai enfatizar que cada um fazia o que achava correto.

Independente do que se tratava o voto e se o mesmo foi cumprido ou não, vemos uma filha em atitude de total obediência, independentemente da solicitação do pai. O texto, embora abordando a situação de forma muito breve, aponta para tal atitude da filha. Pat e David Alexander ainda afirmam: “Jefté era um filho ilegítimo que foi expulso de casa, ele com certeza valorizava a sua família. Seu sofrimento foi genuíno e a reação de sua filha é surpreendente: ela não permitiu que, por sua causa, o pai quebrasse a promessa feita a Deus”.²⁸

1.4 Tamar (2Sm 13; 1Cr 3.9)

Tamar era filha de Davi e foi abusada pelo próprio meio-irmão quando foi enviada pelo seu pai para cuidá-lo. Amnom fingiu estar doente porque estava apaixonado por sua meia-irmã. Na sua fragilidade e bondade, Tamar foi violentada por Amnom, que depois disso recusou-se a recebê-la como sua esposa, expulsando-a de sua presença.

²⁶ Não há consenso entre os estudiosos do Antigo Testamento que para tal voto pudesse haver remissão.

²⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 140-141.

²⁸ ALEXANDER; ALEXANDER, 2008, p. 245.

Diante de toda a situação que vivia, desolada, Tamar foi morar com seu irmão Absalão, que posteriormente se vingou, matando Amnom. Numa situação de abandono, essa filha ficou sem refúgio; por isso, sua única opção foi a casa do irmão. Gardner vai mostrar que Tamar foi usada a fim de que se cumprisse a sentença pronunciada contra a casa de Davi.²⁹

Conforme Pat e David Alexander, é possível perceber o sofrimento de Tamar, pois o versículo 13 de 2 Samuel 13 mostra que ela pensava em casamento ainda que para isso fosse necessário um consentimento especial (Lv 18.11).³⁰ Não há consenso nesta opinião: para alguns, este versículo apenas mostra que Tamar estava tentando ganhar tempo quando sugeriu que Amnom a pedisse em casamento para Davi, pois sabia que este tipo de união era proibido pela lei de Moisés (Lv 18.9-11; 20.17).³¹ A situação de angústia e desolação que Tamar viveu é enfatizada por outros autores e no próprio texto bíblico fica a evidência de que Amnom estava apenas querendo satisfazer seus desejos.

Infelizmente, a falta de posicionamento de Davi fez com que ocorresse tanto um assassinato quanto a revolta de Absalão.³² O incesto era algo que requeria pena de morte, conforme Lv 20.11. Até mesmo a sedução contra uma mulher casada estava sujeita a tal pena, inclusive com a morte do homem, conforme Dt 22.25-27.

A vida de Tamar reflete o lado difícil da vida de algumas mulheres, ainda que fossem filhas do rei. O texto mostra que em determinados momentos elas foram tratadas não como seres humanos, mas como objetos que depois de usados eram deixados de lado. O versículo 17 do texto citado evidencia isso por meio do texto em hebraico, onde não aparece a palavra “mulher”. Assim, é possível entender que seu irmão a tratou como um objeto que poderia ser usado e depois jogado fora ou descartado. Tamar sofreu duas vezes: primeiro, por ter sido abusada; segundo, por ter sido desprezada. O fato de ter perdido sua virgindade limitava suas possibilidades de casamento. Entretanto, vemos que ela foi acolhida pelo irmão, que também tinha a responsabilidade de protegê-la. A forma como ela chegou até Absalão, conforme o versículo 19 (a túnica que as virgens, filhas do rei, usavam estava rasgada, a cabeça coberta com cinza, seu andar...), revelou o que havia ocorrido. Até a pergunta feita por Absalão: “Esteve Amnon, teu irmão, contigo?” (v. 20) mostra que ele percebeu o abuso.

²⁹ GARDNER, 1999, p. 627.

³⁰ ALEXANDER; ALEXANDER, 2008, p. 272.

³¹ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 334-335.

³² ALEXANDER; ALEXANDER, 2008, p. 272.

Esta foi a situação de Tamar e possivelmente de muitas outras filhas, no contexto do Israel bíblico, como diz Baldwin: "... afastada da sociedade, desqualificada para o casamento, embora não por culpa sua".³³

2. A MULHER COMO ESPOSA

O casamento de muitas meninas acontecia logo cedo, no momento em que estivessem fisicamente aptas para isso, o que seria aos doze anos e meio.³⁴ Wolff, em seu livro *Antropologia do Antigo Testamento*, afirma que não há termo próprio para designar a instituição do matrimônio, sendo que geralmente o homem e a mulher estão enquadrados no conjunto de famílias. Via de regra, a mulher entrava na comunidade de moradia da família do homem. A união entre a "mulher da juventude e o esposo da juventude" era conservada na monogamia como forma básica, pois, conforme Dt 24.5, o homem por um ano estava livre das obrigações de guerra e semelhantes para dedicar-se ao lar e à sua mulher. A existência de concubinas e a permissão de que a mulher tivesse uma escrava podem ser percebidas de forma mais intensa no tempo dos patriarcas.³⁵ Outros autores reforçam a ideia de que, ainda que na criação a intenção tenha sido de que o homem poderia ter apenas uma esposa, a poligamia já existia no período patriarcal.

Além do matrimônio principal, havia outras possibilidades de uniões de mulheres com homens casados. Regulamentações veterotestamentárias mostram que nestas estava a solução para o problema das mulheres não casadas, das famílias sem filhos e também do homem que temporariamente estava insatisfeito no matrimônio. Porém, tudo isso não dava às mulheres a segurança estável que um matrimônio monogâmico pode dar.³⁶

Em todo o Oriente Médio havia o costume de comprar a esposa, pagando por ela um preço estipulado pelos pais do noivo ou pelo próprio noivo - no caso deste já ser adulto. É possível verificar que para a tribo o matrimônio significava que a mulher tinha entrado na família do esposo, o que permitia então que o homem casasse mais de uma vez.³⁷ Na maioria dos casos, a escolha do parceiro e os acertos subsequentes eram feitos pelos pais. A mulher deixava a casa do pai para viver com o marido, podendo

³³ BALDWIN, Joyce. 1 e 2 Samuel: introdução e comentário. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 282.

³⁴ DANIEL-ROPS, Henri. A vida diária nos tempos de Jesus. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 82-83.

³⁵ WOLFF, 1975, p. 221-223.

³⁶ WOLFF, 1975, p. 221-223.

³⁷ LADISLAO, M. G. As mulheres na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 13-14.

isso significar viver no mesmo grupo do pai e irmãos do marido. Então a mulher, que era propriedade do pai, passava a ser propriedade do marido, sendo que o mesmo poderia divorciar-se dela, mas não é provável que ela pudesse fazer o mesmo.³⁸ Ao que parece, em alguns casos o homem passava a ser parte da família da noiva, como no caso de Jacó, que se une a Labão. Com relação ao matrimônio, Wolff afirma:

Segundo Êx 21.7-11, um homem pode vender a sua filha para as relações matrimoniais. Mas o comprador não a pode vender a outro como escrava. Assim está protegida contra o perigo de ser tratada como mercadoria. Se o proprietário a consigna a seu filho, ele a deve tratar com filha. Se ele mesmo, além da primeira escrava, toma ainda outra, não lhe pode cortar uma parte da 'alimentação, roupa e relações matrimoniais'. Se ele não pode prestar isto, ela pode sair em liberdade.³⁹

Conforme alguns autores, como Daniel-Rops, era com a finalidade da permanência da raça da família que os judeus da antiguidade permitiam que o homem tivesse mais de uma mulher. As muitas mulheres e haréns que os reis como Davi e Salomão possuíam também eram sinal de poder, mas o homem do povo não poderia ter mais do que uma ou duas mulheres, sendo ainda que as concubinas⁴⁰ poderiam ser inseridas ao grupo da família sem razões especiais.⁴¹ Embora uma das razões vistas era o fato de a esposa ser estéril, é importante destacar que isso não era regulamentado por lei, nem aprovado pelo Senhor. Mesmo assim, vários homens - inclusive líderes israelitas como Abraão, Jacó, Gideão, Saul, Davi e Salomão - tiveram concubinas.

A lei reconhecia direitos e obrigações ainda durante o noivado, os quais eram quase os mesmos do casamento - por exemplo, a noiva culpada de adultério era apedrejada como se fosse esposa - e se o noivo morresse a mulher seria considerada viúva. Desta forma, este estágio era muito parecido ao casamento. Na véspera do casamento o noivo, acompanhado por seus amigos, buscava a noiva na casa do pai. Neste dia, ele usava roupas especiais e a noiva era levada em procissão pelos amigos do noivo até a casa deste.⁴²

Alguns casamentos eram proibidos pela lei, ou seja, aqueles que se incluíam nos graus de parentesco. Um homem não poderia casar com sua mãe, com uma das

³⁸ WILLIAMS, 2000, p. 129.

³⁹ WOLFF, 1975, p. 222-223.

⁴⁰ Ao que parece, a concubina tinha direitos somente nas questões conjugais e a receber comida e roupas (Êx 21.7-11; Dt 21.10-14), pois embora os filhos fossem considerados legítimos, eles não tinham direito de participar na herança da família devido à mãe ser vista como uma esposa de segunda categoria (Gn 25.1-6).

⁴¹ DANIEL-ROPS, 1997, p. 82-83.

⁴² DANIEL-ROPS, 1997, p. 84-86.

esposas de seu pai, com uma irmã ou meia-irmã, com uma tia, neta, nora ou cunhada; era proibido até de ter duas irmãs como esposas. Ele era obrigado a casar apenas no caso do cumprimento da lei do levirato, a fim de dar continuidade à família do morto. Daniel-Rops afirma ainda:

O homem tinha poder sobre tudo o que se relacionava à sua família e isso se estendia à esposa. Ela era uma possessão excessivamente valiosa e ninguém mais poderia tocá-la. Faraó foi um exemplo disso quando sem saber tomou a mulher de Abraão. A posição dela na sociedade era inferior sob todos os aspectos, suas vidas se passavam em casa. Entretanto isso não significava que a mulher não tinha direitos, pois em Deuteronômio 21 e 22 a moça era protegida caso fosse seduzida por um homem, ou violentada por ele. Também a manutenção total da mulher cabia ao esposo. Apesar de ser isenta de algumas coisas como a leitura da Lei, isso não era proibido a ela, pois elas eram aconselhadas a conhecer bem a Lei para instruir seus filhos e instar os maridos a cumprirem suas obrigações religiosas.⁴³

Tenney, falando sobre a posição legal das mulheres, dá sua opinião dizendo que em Israel a mulher era inferior ao homem. Até mesmo um voto feito por ela poderia ser anulado pelo pai ou marido (Nm 30.1-15). Ela poderia ser vendida para pagar dívidas (Êx 21.7) e só seria liberta depois de seis anos, o que não acontecia com o homem. Porém, havia algumas leis que lhe ofereciam proteção, como no caso de seu marido tomar uma segunda esposa: ele ainda era obrigado a vestir e alimentar a primeira, bem como deveria continuar tendo relações sexuais com ela (Êx 21.10). Quando o homem ia se apresentar perante o Senhor, em algumas ocasiões as mulheres iam com eles (Dt 29.11; Ne 8.2; Jl 2.16) - um exemplo foi Ana, que foi a Siló com o marido. A esposa também poderia estar presente nos sacrifícios apresentados em nome da família (Lv 1.2), na festa dos Tabernáculos (Dt 16.14), na festa anual do Senhor (Jz 21.19-21) e na festa de Lua Nova (2Rs 4.23).⁴⁴

Eisenberg ainda afirma que as razões de desigualdade entre o esposo e a esposa são fundamentalmente de ordem econômica e biológica. Tanto no mundo pastoril, nômade e seminômade, onde viveram os patriarcas, a inferioridade biológica das mulheres lhes proibia de ser a principal fonte de produção.⁴⁵ A seguir, serão descritas algumas mulheres e sua atuação como esposas.

⁴³ DANIEL-ROPS, 1997, p. 84-86.

⁴⁴ TENNEY; PACKER; WHITE, 1984, pp. 25-27.

⁴⁵ EISENBERG, 1997, p. 45.

2.1 Eva (Gn 1.1-25)

Eva se destaca por representar a figura central na história do homem.⁴⁶ Ela compartilhava a imagem de Deus, tendo sua identidade derivada de Deus (Gn 1.26-28), bem como do primeiro homem (Gn 2.18), criada desta forma com o propósito de ser ajudadora. A intenção de Deus era que ela completasse Adão, o que significa que havia algo de incompleto no primeiro homem sem ela. Gardner afirma:

Em vez de ser uma serva, compartilharia com ele uma reciprocidade baseada tanto nas similaridades como nas desigualdades. Eva era feita à imagem de Deus; portanto, correcipiente do mandato cultural para encher a terra e dominá-la, por meio da multiplicação dessa imagem (Gn 1.28).⁴⁷

O relato da criação do homem e da mulher à imagem de Deus mostra que Ele se manifesta no ser humano e nisto não há distinção entre homem e mulher. Um não é melhor do que o outro, pois ambos são reflexos do próprio Deus na criação. Ao ser humano foi delegada a tarefa de encher a terra e dominá-la. Assim, a questão de superioridade do ser humano diz respeito à criação e não de um ser humano em relação ao outro. Não existe um ser humano que tenha mais a imagem de Deus do que outro. Em relação à Eva como esposa, Ladislao lembra que Gn 2.23 ressalta a relação conjugal entre homem e mulher; o fato da mulher receber o destaque de ajudadora não diz respeito à situação de inferioridade ou algo assim. A questão de ajuda não se aplica à inferioridade “por parte de quem ajuda em relação a quem é ajudado”.⁴⁸

Destacamos Eva como esposa não com a intenção de falar da questão do pecado, mas com o propósito de lembrar que o projeto primeiro de Deus fazia menção a uma relação na qual homem e mulher, como esposo e esposa, pudessem conviver e amarem-se sem levar em consideração questões de domínio.

2.2 Sara (Gn 15-16)

Sara, como esposa, é exemplo de respeito pelo marido. Isto se evidencia pelo fato dela ter estado ao lado do seu marido quando este recebeu o chamado para ir a um lugar desconhecido (Gn 12.1-5) e também por ter enfrentado o perigo quando o esposo pediu que ela falasse aos egípcios que era sua irmã (Gn 12.10-13). Por outro lado, Sara também foi a mulher que demonstrou amargura quando desprezada por sua serva, a

⁴⁶ Gardner chega até mesmo a afirmar que Eva “é uma figura central na história da redenção do homem” (GARDNER, 1999, p. 202).

⁴⁷ GARDNER, 1999, p. 203.

⁴⁸ LADISLAO, 1995, p. 23.

qual teve um filho de seu marido (Gn 16.5). Ela foi vingativa e ressentida, pedindo ao marido que rejeitasse o filho de sua serva por este estar caçoando de Isaque (Gn 21.9-10). Foi a esposa que riu por ter dúvidas de que ainda era capaz de conceber (Gn 18.12) e que se alegrou ao ver o impossível realizar-se (Gn 21.6).⁴⁹

2.3 Ana (1Sm 1.1-28)

Ana era amada por seu esposo, Elcana, embora ele tivesse outra mulher. Todos os anos, quando a família subia a Siló para adorar a Deus, Ana sofria com as provocações de Penina (1Sm 1.1-7), devido ao fato de não poder ser mãe. Num momento de angústia, Ana derramou seu coração perante o Senhor, quando estava no Tabernáculo em uma das peregrinações. Ela pediu um filho e prometeu dedicá-lo ao Senhor (1Sm 1.9-11). Ao nascer Samuel, Ana o entregou ao Senhor para servir no templo e mais tarde na liderança do povo hebreu, exercendo o ministério de profeta, sacerdote e juiz.

Com ela, chegou ao fim a intensa preocupação em relação à maternidade para as mulheres da Bíblia. A partir deste momento, a questão da esterilidade e o adjetivo “estéril”⁵⁰ não aparecem mais com intensidade nos textos da Bíblia. A história da maternidade é apenas a parte visível de valores e esperanças que vão bem além dos problemas pessoais que a esterilidade colocava para as mulheres.⁵¹

Em se tratando da maternidade, Eisenberg faz a seguinte afirmação:

... o papel fundamental que terá no imaginário dos profetas. Para descrever o destino de Israel, eles recorrem amplamente ao vocabulário ligado à maternidade: concepção, gravidez, dores de parto, ruptura do cordão umbilical, etc... Por outro lado, passamos em silêncio dezenas de textos que evocam o amor fraternal, o papel educativo da mãe, suas angústias e sua ternura, ou seja, a beleza delas e a poesia que daí deriva.⁵²

Enquanto Samuel foi uma figura de destaque no governo dos filhos de Israel,⁵³ Ana mostrou a força de uma mulher que realmente se colocava diante de Deus em oração e renúncia. Ela foi uma esposa exemplar quando fechava os olhos para as dificuldades e provocações e colocava-se como serva. Assim, como serva, ela se apresenta várias vezes, mostrando o que era em relação ao Senhor. Ana é exemplo de devoção e sacrifício, deixando marcas no mundo que vivia naquilo que diz respeito

⁴⁹ GARDNER, 1999, p. 581-582.

⁵⁰ Alguns autores, como Eisenberg, enfatizam que o adjetivo “estéril” irá aparecer apenas mais três vezes em todo o restante da Bíblia (EISENBERG, 1997, p. 25).

⁵¹ EISENBERG, 1997, p. 24-27.

⁵² EISENBERG, 1997, p. 25.

⁵³ OLIVEIRA, J. A. *A mulher nos planos de Deus*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1989. p. 32.

ao compromisso com Deus. Nesta perspectiva, Wiersbe afirma: “É impressionante como, em termos humanos, o futuro de Israel dependia das orações dessa mulher piedosa. Na verdade, quanta coisa da história não dependeu das orações de pessoas que sofreram e que se sacrificaram, especialmente das orações de mães?”⁵⁴

2.4 Rute (Rt 4.1-22)

Kippenberg fala que por meio de Rute é possível conhecer a importância do sistema de parentesco. O casamento de Rute com Boaz era importante para o significado da organização do clã, demonstrando interesse em sua permanência.⁵⁵ Esta era a mulher que vivia em Moabe, ficou viúva e acompanhou sua sogra, Noemi, para a cidade de Belém, onde mais tarde veio a se casar com Boaz e ter um filho. Rute tem grande importância na história do povo de Deus, pois veio a ser mãe de Obede, ancestral de Davi (Rt 4.14-17).

Antes de vir a ser esposa de Boaz, no papel de viúva, ela soube esperar até que ocorresse uma transação legal. Diante da assembleia, Boaz fez um acordo com o parente remidor que passou a ele o direito de ser o remidor (Rt 4.1-8).

Desta forma, quando teve o filho Rute contribuiu para que a criança fosse também proclamada remidora de Noemi em sua velhice, bem como contribuiu sobremaneira para a linhagem de Jesus, o Messias.⁵⁶ Além disso, Rute também fez diferença no meio em que vivia. Wiersbe afirma: “Foi o compromisso de Rute que fez a diferença em sua vida e na das pessoas a quem amava”.⁵⁷

A história de Rute mostra que Deus usou a fé e a obediência desta esposa para transformar uma situação de luta em vitória, beneficiando uma família (a de Noemi) que se encontrava em desamparo. Tal obediência marcou também a história da genealogia do próprio Cristo.

Muitas outras mulheres no Antigo Testamento destacam-se como esposas. Podemos citar Rebeca (Gn 24.58-67), que mostrou determinação quando decidiu se separar de sua família para se tornar esposa de Isaque (Gn 24.57), bem como quanto a sua espiritualidade pessoal, quando consultou ao Senhor (Gn 25.22). Foi autoconfiante ao lado de Isaque, mas também mostrou fraqueza quando usou sua determinação de maneira errada (Gn 27.5-16). Outra que se destaca como esposa é

⁵⁴ WIERSBE, 2006, vol 2, p. 202.

⁵⁵ KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classes na antiga Judeia*. Tradução de João Anibal G. S. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 28-30.

⁵⁶ GARDNER, 1999, p. 563.

⁵⁷ WIERSBE, 2006, vol. 2, p. 198.

Abigail (1Sm 25.26). Ela foi esposa de Nabal, descrita por Swindoll como sensata e graciosa por impedir a morte diante da fúria de Davi e também porque soube lidar com os dois homens.⁵⁸ Para alguns autores, como Gardner, ela era uma mulher linda e sábia, mas sua verdadeira sabedoria encontrava-se no seu amor ao Senhor e na sua dedicação ao serviço dele.⁵⁹

3. A MULHER COMO MÃE

Quando olhamos para a estrutura da sociedade patriarcal e poligâmica no Antigo Testamento, vemos que muitas mulheres conviviam com as outras esposas do marido, que em algumas situações eram suas adversárias - por isso, são frequentes as lutas de certas mulheres para se livrarem da outra esposa.⁶⁰ Havia rivalidade, ciúme e insegurança inclusive quando as esposas eram irmãs.

Ladislao mostra que a duração e a força da tribo dependia da descendência. Devido ao fato dos filhos serem vistos como bênção e a mulher estéril como abandonada pela mão de Deus, a esposa era valorizada mais pela sua função reprodutora do que por seu próprio valor pessoal. Desta forma, a valorização da mulher ocorria com a maternidade e a mulher que não fosse mãe não era considerada.⁶¹ Por isso, as mulheres almejavam muito serem mães, de forma que Raquel chegou a dizer: “Dá-me filhos, senão morrerrei” (Gn 30.1).

A maternidade era extremamente importante para as mulheres de Israel; esta ênfase pode ser observada na terminologia utilizada. É algo tão especial que as matriarcas falam em “ser construídas”. A ligação vem do termo hebraico para “filho”, já citado acima (*ben*). Tal termo é derivado do verbo *bnh* que significa “construir”. Eisenberg diz:

Ter uma criança é ser construído. A mulher é como o alicerce de uma construção que só termina com a maternidade... Ser amada para ter filhos; ter filhos para ser amada: é o círculo, não vicioso, no qual se desenrola a vida das primeiras mães de Israel. Esse efeito de feedback é claramente descrito por Lia. Quando nasce seu primeiro filho, ela diz: ‘Agora, meu marido me amará.’ (Gn 29.32). E quando nasce o terceiro, ela comenta: ‘Desta vez meu marido se sentirá ligado a mim’ (Gn 29.34).⁶²

⁵⁸ SWINDOLL, Charles. Ester: uma mulher de sensibilidade e coragem. 5. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 60.

⁵⁹ GARDNER, 1999, p. 5.

⁶⁰ BRENNER, 2001, p. 133-134.

⁶¹ LADISLAO, 1995, p. 15.

⁶² EISENBERG, 1997, p. 18-20.

3.1 Lia e Raquel (Gn 29.1-35)

Algumas mulheres do Antigo Testamento que estavam na disputa do papel de mãe eram Lia e Raquel, casadas com Jacó. Raquel, apesar de amada por seu marido, foi a segunda a se casar com ele, além de ser estéril. Nenhuma das duas estava satisfeita. Raquel se sentia morta a menos que viesse a conceber, por isso age da mesma forma que Sara e dá sua criada ao marido. Quando finalmente Raquel dá à luz a José, não fica satisfeita, como se um filho biológico não fosse suficiente, assim pede outro filho ao Senhor (Gn 30.22-24). Oliveira diz que daí por diante ela se tornou mãe exemplar.⁶³ Lia, quando deixa de conceber, também não fica satisfeita e por isso oferece sua criada ao marido. No contexto da época, isso aumentava sua importância como mãe biológica (Gn 30.9). Elas competiam, entre outras coisas, de forma especial por filhos homens, pois no mundo dessas mulheres era possível obter segurança pessoal apenas por meio da abundância de filhos. O desejo materno “natural” nunca era plenamente satisfeito. Os pares de mulheres Lia e Raquel, bem como os duplos pares Lia e Raquel e suas criadas, apesar das diferenças, pertencem ao tipo de “Matriarca” ou “Mãe de Herói”.⁶⁴

A situação de Lia, ou seja, sua facilidade em conceber, fazia com que sua irmã Raquel ficasse irada contra Deus. O meio adotado por Raquel de dar a Jacó sua serva era legal, porém levou Lia a agir da mesma forma. A família foi ampliada, mas o relacionamento das irmãs piorou. Toda esta situação revela que Raquel via a maternidade como uma maneira de competição. Mas Deus ainda assim não deixou de derramar sua graça sobre ela, tornando-a mãe de José.⁶⁵ Lia realizou-se por meio da maternidade, apesar de sua condição - ter casado por meio de fraude (Gn 29.22-26), ser desprezada pelo marido e estar em posição desfavorável (Gn 29.30-33).⁶⁶

Na história destas irmãs houve uma grande competição para que fossem mães; elas mantinham desentendimentos até darem à luz e mesmo assim não se sentiam seguras. A posição que possuíam não lhes dava tranquilidade, mas sim o fato de conceber filhos. Entretanto, o nascimento do herdeiro era algo que apenas aparentemente trazia segurança à mãe biológica, tendo em vista que mesmo após o nascimento ainda havia uma busca de favorecimento aos filhos.⁶⁷

⁶³ OLIVEIRA, 1989, p. 31.

⁶⁴ BRENNER, 2001, p. 135-137.

⁶⁵ GARDNER, 1999, p. 550.

⁶⁶ GARDNER, 1999, p. 411.

⁶⁷ BRENNER, 2001, p. 138-139.

3.2 Joquebede (Êx2.1-10)

Ela era descendente de Levi e nasceu na época em que os israelitas estavam no Egito. Foi a mãe de Miriã, Arão e Moisés (Êx 6.20) e enfrentou o decreto do Faraó para salvar um filho da morte. Foi ousada por esconder a criança durante três meses e corajosa quando o largou no rio dentro de uma cesta de junco, confiando que o Senhor cuidaria do seu filho.

Coleman afirma que muitas mulheres eram ativas e expressavam suas opiniões, como Joquebede, que teve a iniciativa de salvar seu filho, tomando as providências necessárias para isso.⁶⁸ Baseado no texto de Hebreus 11.23, Wiersbe destaca tanto a fé que Joquebede teve como mãe como o fato do pai e da mãe confiarem em Deus. Para o autor, a mãe não foi desamparada por ter confiado na providência do Senhor.⁶⁹

3.3 Noemi (Rt 1)

O nome Noemi (*nā'ōmî* - נֹעֲמִי) em hebraico significa “prazer”, “favor”, “doçura”, “agradável”, “amável”. Ela foi casada com Elimeleque e era mãe de dois filhos: Malon e Quiliom. Conduzida por seu esposo foi para Moabe, pois a fome tinha assolado a sua terra (Judá).

A história desta personagem aconteceu no período dos Juízes. Pode ser que a fome veio porque nesse período Israel não havia conseguido afastar seus inimigos. Não é possível saber com segurança o porquê da fome; o que se sabe é que ela de fato ocorreu. Diante da situação, Elimeleque saiu de Belém - que ironicamente significa “casa de pão”: na casa de pão não havia pão - e foi embora para sobreviver. Irônico, também, é o significado do nome de Elimeleque (“Meu Deus é rei”), já que ele teve que migrar da terra deste Deus para um país inimigo, Moabe, que significa “terra de abominação”. Há ainda outra ironia: Noemi, que significa “alegria”, “agradável”, diz que tem uma vida amarga (v. 20-21).

Logo no início do texto a vida desta mulher deixa seu exemplo de mãe. De repente, Noemi encontrou-se viúva com os dois filhos (v. 3). Ela agora seria não somente mãe, mas buscaria a sobrevivência em uma terra estranha. Após a morte do esposo, parece que ainda havia esperança, pois os filhos estavam casados (v. 4) e deles viriam seus descendentes. Esta era uma perspectiva que Noemi tinha para o futuro. Entretanto, é possível verificar que os filhos não lhe deram descendentes

⁶⁸ COLEMAN, William L. (Edit.). *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 92.

⁶⁹ WIERSBE, 2006, vol. 1, p. 236.

porque “...ficaram ali quase dez anos”. Assim, a história descreve o esforço em meio a lutas, não escondendo as dores desta mãe.

Como mãe e como mulher, Noemi viu-se desamparada. Certamente foram momentos de questionamentos. Será que aquilo era castigo de Deus? Sem esposo e sem filhos, vivendo naquela época, Noemi era nada. Ser viúva e não ter filhos era a pior coisa que poderia acontecer para uma mulher.

Podemos imaginar o sofrimento desta mãe na luta para conduzir os filhos e depois seu choque com o casamento deles com mulheres estrangeiras, com a infertilidade, com a morte, com o silêncio de Deus. Onde estaria o “Deus que é Rei”? Apesar de tudo, é possível enxergar que Noemi continuava crendo em Deus. Ela levantou-se e foi em frente; retornou a sua terra. A cena do versículo 7 é emocionante: o retorno de três pobres mulheres que tinham apenas umas às outras, um pouco de ânimo e esperança. Neste momento é possível ver que apesar de tudo o que Noemi já havia perdido em sua vida ela ainda estava preparada para mais uma perda: suas duas noras.

Apesar das perdas e de Noemi inicialmente achar que não havia mais esperanças, ela mostrou ser a mãe e sogra que, mesmo diante das dificuldades e achando que a mão de seu Deus pesava sobre ela, permaneceria firme em servi-lo. Ao mesmo tempo em que sentiu amargura em relação a Deus, acreditou que Sua atuação ultrapassa barreiras geográficas, de forma que pede para Ele abençoar suas noras.

Apesar de sua tristeza, ela foi uma mãe que soube ser honesta com Deus. Por meio de sua vida é possível perceber sua influência naqueles que a acompanhavam. Ela soube mostrar a Rute que, independente da situação ou dificuldade, o importante era ter forças para recomeçar, mas não de qualquer jeito e sim com o Senhor. Apesar de todo seu sofrimento ela mostrou que este recomeçar precisa ocorrer confiando que Deus está no controle; sendo fiel a Ele no dia a dia (Noemi tinha muitos motivos para abandonar o Senhor: teve perdas e sofrimentos e estava morando no meio de um povo pagão que não adorava ao seu Deus; entretanto, não deixou de amar e servir ao seu único Deus, pelo contrário, em meio a tanto paganismo sua vida reta serviu de exemplo) e tendo esperança (ela perdeu seu marido, seus filhos e não tinha ninguém que pudesse redimi-la; parecia que não haveria como mudar aquela situação, mas para ter esperança é preciso olhar o que Deus concede-nos agora: Noemi estava sofrendo com todas as suas feridas, mas ela foi sábia e soube amar o que Deus havia entregado aos seus cuidados - a nora).

Gardner afirma que Noemi teve esperança e por isso Deus lhe foi fiel.⁷⁰ A nora que a acompanhou deu à luz a Obede, o avô de Davi. Assim, Noemi foi novamente amparada.

3.4 Sara (Gn 15.16-21) e Rute (Rt 4.1-22)

Muitas mulheres são citadas no Antigo Testamento como estereis; Sara é um exemplo. Embora fosse muito amada, no meio social em que vivia “...um indivíduo não tinha poder se não estivesse protegido pela família. Portanto, a continuidade da mesma era de valor supremo que tinha de se sobrepor a considerações de felicidade pessoal e satisfação”.⁷¹ Por isso, Sara deu Hagar, sua criada pessoal, para seu marido com a intenção de obter um herdeiro homem. Juridicamente, esse filho seria considerado da própria Sara e o problema da continuidade da família estaria resolvido. Mas é possível observar que as duas mulheres estavam inseguras em relação ao futuro. Ser mãe era o que elas mais ansiavam e para isso estavam dispostas a tudo, chegando a comprometer as boas relações familiares.

Rute é outra mulher que estava numa difícil situação no contexto em que vivia. Ela estava desamparada por não ter um herdeiro homem que pudesse dar continuidade à família e ampará-la. Quando se dirigem para Belém, Rute e sua sogra não possuem filhos. Os de Noemi morreram e ela está muito velha para conceber, e Rute não havia concebido antes da morte de seu esposo. Em meio a tal situação, Rute seguiu as orientações de Noemi de maneira que consegue casar-se com Boaz. Deste casamento nasceu um filho (Rt 4), o qual veio a se tornar uma segurança para ela e também para Noemi. Rute agiu movida pelo amor e pela lealdade à sua sogra e foi agraciada com o privilégio de se tornar mãe daquele que veio a ser o avô do rei Davi.

No contexto em destaque, as mulheres ansiavam pela maternidade e enfrentavam algumas dificuldades quando não engravidavam porque eram tidas como mulheres da qual “Deus não se agradava”.⁷²

CONCLUSÃO

No que diz respeito à mulher e seu valor, em alguns períodos da história do povo de Israel vemos que ela era tida como um objeto negociável, a tal ponto de lhe ser atribuído determinado valor. Muitas viviam relegadas à autoridade paterna ou

⁷⁰ GARDNER, 1999, p. 493.

⁷¹ BRENNER, 2001, p. 134.

⁷² COLEMAN, 1991, p. 93.

enfrentavam o apreço da família pelo filho homem. Entretanto, é possível observar que elas também eram significativas para as famílias, principalmente se compararmos a forma com que as israelitas eram tratadas com o que ocorria nas nações vizinhas a Israel.

Na história bíblica do Antigo Testamento é possível ver que Deus agiu por meio da atuação de algumas mulheres enquanto filhas. Elas fizeram diferença, seja demonstrando autoridade (como no caso da filha do Faraó), submissão (a filha de Jefté), imprudência (as filhas de Ló) ou angústia (Tamar). Apesar da pouca disponibilidade de material, fica evidente que a mulher como filha foi importante no quadro bíblico.

No contexto do Antigo Testamento as mulheres tinham seu valor. Desde o início, com a criação, podemos ver que elas também constituíam, juntamente com o homem, a imagem de Deus. Elas estavam envolvidas na vida familiar e agiam quando necessário. Ana foi um exemplo de mulher que teve iniciativa: sua forma de agir fez dela mãe de Samuel. Outro exemplo é Joquebede, mulher de coragem que salvou Moisés da morte e foi abençoada, podendo acompanhar o crescimento de seu filho.

O quadro do Antigo Testamento, especialmente em determinadas épocas, revela um contexto de poligamia; por isso, as mães aparecem tanto em duplas como sozinhas. Quando aparecem em duplas, vemos a dificuldade em relacionarem-se devido às competições; há poucas exceções, como no caso das filhas de Ló e de Rute e Noemi. Tais competições ocorriam devido à importância da maternidade para a mulher de forma individual. A mulher sentia-se valorizada cumprindo este papel porque assegurava a continuidade da família. Vemos na mãe a esperança do futuro da família, especialmente se tivesse filho homem.

Ainda que no povo hebreu as famílias vivessem conforme o sistema patriarcal, tendo os homens por chefes, algumas mulheres mostraram-se de igual importância, fossem elas filhas, esposas ou mães, embora tivessem que cumprir determinadas restrições legais.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, David; ALEXANDER, Pat (Edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008.

BALDWIN, Joyce. **1 e 2 Samuel: introdução e comentário**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2001.

COLEMAN, William L. (Edit.). **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Belo Horizonte: Betânia, 1991. 360 p.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 322 p.

DAVIDSON, F. (Edit.). **O novo comentário da Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1487 p.

DOCKERY, David (Edit.). **Manual bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2001. 952 p.

EISENBERG, Josy. **A mulher no tempo da Bíblia**. Tradução de Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1997. 410 p.

GARDNER, Paul (Edit.). **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999. 674 p.

HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HERMANN, Austel, J. **מִשְׁפָּחָה (mishpāhā)**. In: HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1601.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2000.

_____. **Os livros históricos.** São Paulo: Vida, 2003.

KIPPENBERG, Hans G. **Religião e formação de classes na antiga Judeia.** Tradução de João Aníbal G. S. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1988. 173 p.

LADISLAO, M. G. **As mulheres na Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 1995.

LEITE Filho, Tácito da Gama. **A mulher cristã e seu ministério.** Belo Horizonte: Betânia, 1979. 46 p.

LÓPEZ, Félix García (Org.). **O Pentateuco.** Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 1998.

MARTENS, Elmer A. **בַּת (bat).** In: HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

OLIVEIRA, J. A. **A mulher nos planos de Deus.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1989. 150 p.

PFEIFER, Charles F. (Edit.). **Comentário bíblico Moody.** Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: EBR, 1999.

SWINDOLL, Charles. **Ester: uma mulher de sensibilidade e coragem.** 5. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

TENNEY, M.; PACKER, J.; WHITE, W. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos.** Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1984. 191 p.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento.** Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.